

Barreiras urbanas e as articulações intrabairro: desdobramentos

Camila Yumi de Campos

Orientadora: Profa. Ms. Rita Canutti (SENAC-SP).

Pesquisa: Trabalho de Conclusão de Curso, SENAC-SP, 2019.

Viver na cidade e viver a cidade é estar disposto a todo e qualquer acontecimento. Em um mesmo dia passamos por lugares e espacialidades diferentes, com composições e tempos distintos. Nenhum dia é igual ao outro, já que estamos em constante movimento, diante de uma combinação aleatória de eventos que geram efeitos sobre objetos e sujeitos; e que geram os espaços pelos quais transitamos e as percepções que vivenciamos. Diante dessa reflexão, surge a discussão dos efeitos da arquitetura e urbanismo para além de um campo visual, atrelada ao pertencimento do ser com o espaço e baseada na forma

e na dinâmica urbana. Como podemos apreender os efeitos do objeto sobre o sujeito e vice-versa? Qual é a leitura materializada que temos da cidade como reflexo das ações da sociedade? Este ensaio é um recorte e desdobramento de um Trabalho de Conclusão de Curso e busca explorar a composição do espaço urbano por meio de representações e leituras espaciais que construam uma base para a apropriação do espaço a ser reconhecido. Entende-se esse momento como uma exploração cartográfica que potencializa as nossas intervenções na cidade revelada em camadas.

Urban barriers and neighborhood articulations: developments

To live in a city and to live the city is to be open to each and every event it happens there. In one single day, we can walk through different places and spaces with different compositions and times. No day is like the other, as we live in constant movement, subjected to a random combination of events, which can generate effects on objects and individuals, which then will create the places we transit and the perceptions we experience. Thinking about that, we should reflect on the effects of architecture and urbanism beyond the visual field, trying to understand how those areas are linked to the way a person interact with his/her surrounding, considering the urban and dynamic form. How can we apprehend the effects of an object on an individual and the opposite way around? What is the materialized reading that we have of the city, as a reflection of the actions of society? This essay is from a Final Graduation Project and seeks to explore the composition of an urban space using representations and spatial readings that build the basis for the appropriation of the space to be recognized. It is a cartographic exploration that enhances our interventions in the city revealed in layers.

Barreras urbanas y las articulaciones en el barrio: desdoblamiento

Vivir en la ciudad y vivir la ciudad es estar dispuesto a todo y cualquier suceso. En un mismo día pasamos por diferentes lugares y espacios, con diferentes composiciones y tiempos. Ningún día es igual que otro, una vez que estamos en constante movimiento, en una combinación aleatoria de eventos que generan efectos en objetos y sujetos, formando los espacios a través de los cuales transitamos y las percepciones que experimentamos. Frente a la reflexión, surge la discusión sobre los efectos de la arquitectura y el urbanismo para allá del campo visual, vinculados a la pertenencia del ser con el espacio y basados en la forma y la dinámica urbana. ¿Cómo podemos aprehender los efectos del objeto sobre el sujeto y viceversa? ¿Cuál es la lectura que hemos materializado de la ciudad, como reflejo de las acciones de la sociedad? Este ensayo es un recorte de un Trabajo de Conclusión de Curso y tiene como objetivo explorar la composición del espacio urbano, a través de representaciones y lecturas espaciales como herramientas que construyan una base para la apropiación del espacio a ser reconocido, entendiendo ese momento como una exploración cartográfica que potencializa nuestras intervenciones en la ciudad revelada en capas.

UM CAMINHO¹

Viver em uma metrópole como São Paulo hoje, nos indica que não é reproduzindo modelos que nossos problemas atuais e reais serão resolvidos. A dinâmica em que os grandes planejamentos urbanos acontecem não é a mesma em que a sociedade se movimenta. É preciso se aproximar da nossa realidade e entender quais são as possíveis ações que podem nos ajudar a produzir uma cidade mais atemporal, que absorva as mudanças de forma mais harmônica e correspondente a seus habitantes. Primeiramente, que cidade desejamos perpetuar?

FORMAÇÃO DAS CIDADES

A formação das cidades se deu com o processo de sedentarização do indivíduo, que estabeleceu uma nova relação com a natureza. Para a materialização da cidade é preciso o domínio sobre o território que se pretende habitar. Segundo Rolnik (1995), esse habitar sugere um suprimento da necessidade de moradia e de trabalho. Desta forma, podemos descrever o nascimento e estabelecimento das cidades.

As cidades passaram a crescer uma vez que seus habitantes não eram mais só produtores agrícolas, mas também consumidores. Assim, para a administração dessas trocas, a escrita tornou-se essencial para o registro da acumulação de riquezas materiais e não materiais.

Com a cidade sendo escrita, ela passa a construir memória, modificando a sua materialidade. A cidade passa a ter registros, marcando uma forma de viver.

MATERIALIZAÇÃO

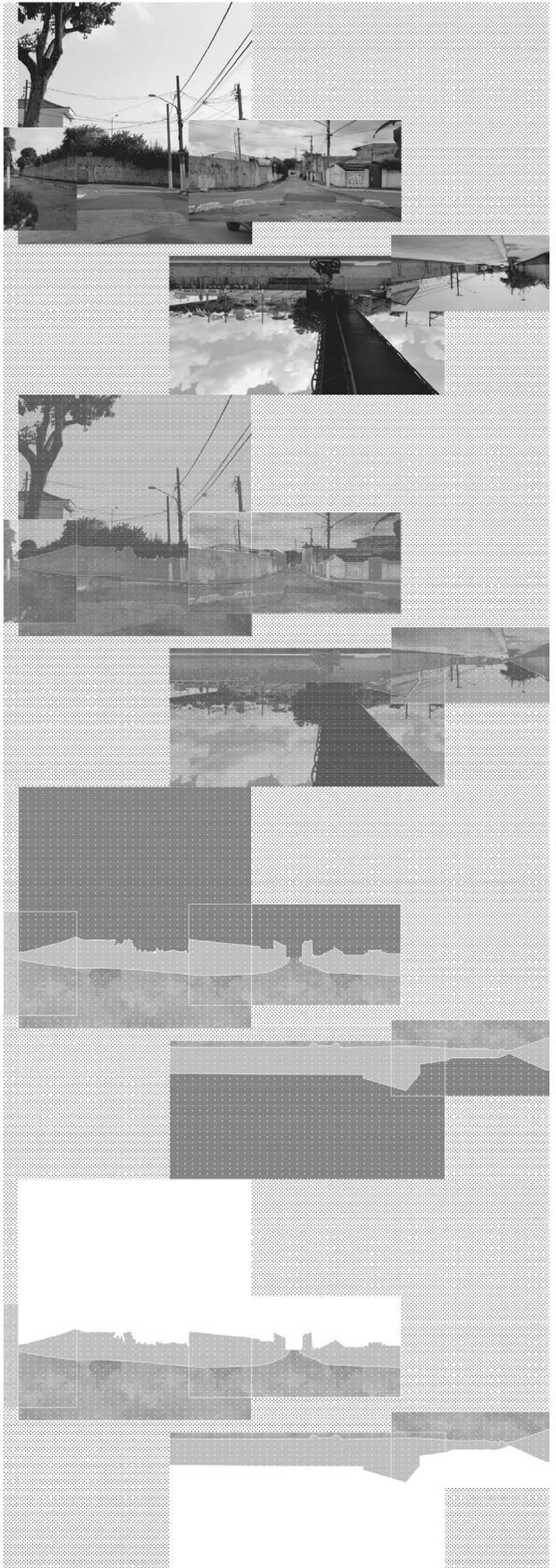
Traçados, desenhos de rua e edificações são evidências de formas de vida, uma vez que essas formas traduzem as necessidades daqueles que habitaram as cidades em outro tempo. Assim, ao ler as cidades hoje temos a clareza de que essas já não são como folhas em branco que podem ser escritas livremente, mas são como textos em constante transcrição. É como se a todo tempo tivéssemos que apresentá-las em uma nova língua, perdendo e transformando significados, que numa tentativa de voltar a uma ideia original de cidade, já não seria possível, pelas tamanhas adaptações e pela sociedade de hoje, que já não corresponde às necessidades das vidas anteriores. A cidade é revelada pelas suas formas, as quais sofrem contínuas transformações no tempo.

O catálogo de formas é interminável: enquanto cada forma não encontra a sua cidade, novas cidades continuarão a surgir. Nos lugares em que as formas exaurem as suas variedades e se desfazem, começa o fim das cidades. (CALVINO, 1990, p.126).

No momento que entendemos que as formas das cidades dizem respeito a sociedade que nela habita ou habitou, podemos considerar que sempre existe alguma forma saindo e outra chegando das nossas cidades, ou então concordar com Perulli (2012), quando afirma que não existe forma, uma vez que essa é imóvel e o que está em movimento é a realidade, que é a mudança contínua da forma.

Com esta leitura, entendemos que a cidade possui uma forma materializada por suas ruas, calçadas, edifícios, entre outras coisas, e está em constante transformação, já que o indivíduo que a habita recebe estímulos a todo momento e se transforma, sendo simultaneamente reflexo do ambiente e refletindo no ambiente. Portanto, é preciso assumir a contínua fluidez dos nossos espaços, e em contrapartida, entender que a nossa cidade já está repleta de sobreposições de formas e espacialidades.

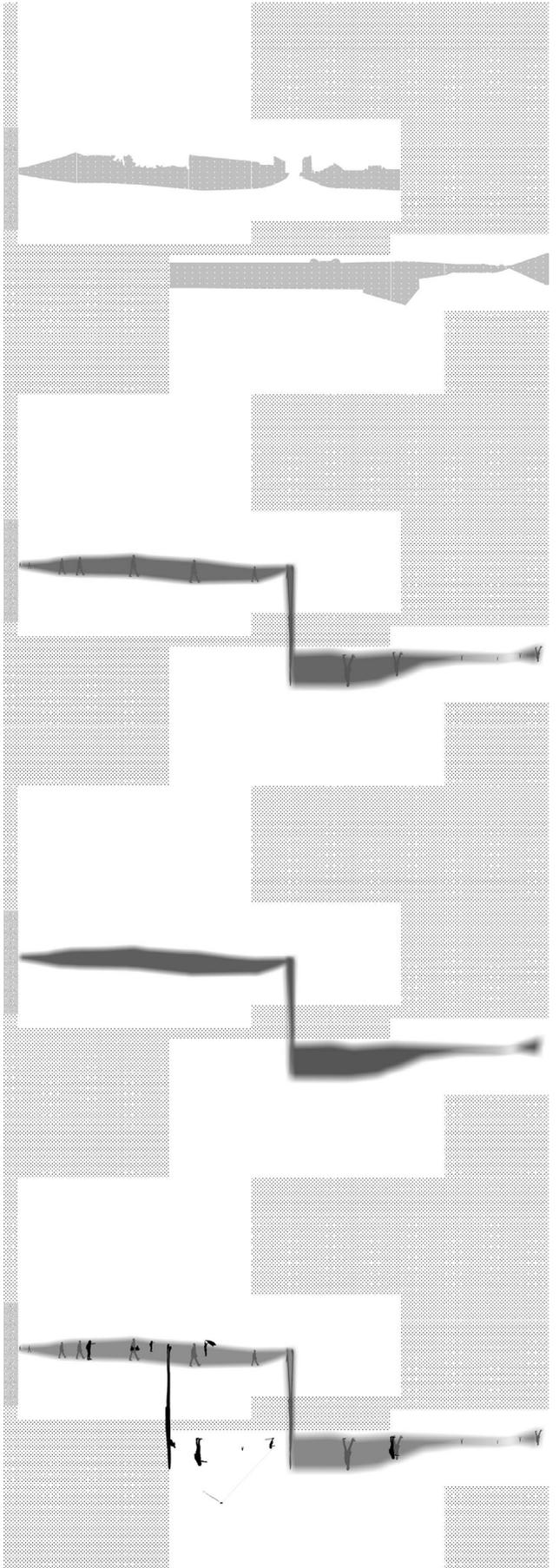
Espaços vão se alterar com o tempo, formas vão receber novas influências. Porém, como fazer isso de forma harmônica?



Reconhecendo a história do lugar, mas também as transformações presentes?

Se a cidade é construída por formas sólidas e sua dinâmica solicita transformações, sugerindo maior fluidez nas formas durante o tempo, é possível prever a cidade de maneira que ela absorva a liquidez? É possível que ela se (re)organize e não perca sua identidade?

Es posible pensar una arquitectura del tiempo más que del espacio? ¿Una arquitectura cuyo objetivo sea no el ordenar la dimensión extensa, sino el movimiento y la duración? (SÓLA-MORALES, 2002 apud BOGÉA, 2009, p.14).



UMA PAUSA

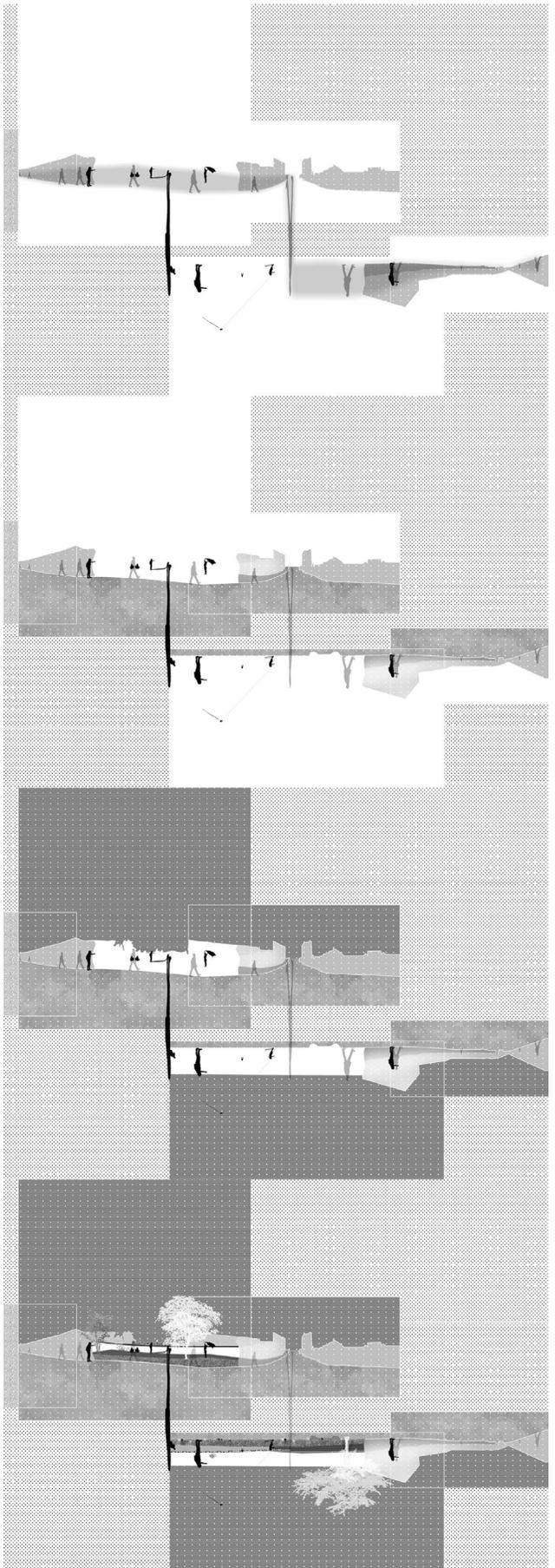
Fazemos uma pausa na questão para entender a cidade como a sociedade que a habita. O espaço urbano é o lugar que suporta as ações do cotidiano, é o lugar de encontros, que oferece potencialidades de interação social para a possibilidade do reconhecimento do outro. Se nós não pensarmos primeiro o papel do espaço para a sociedade, como poderemos nos apropriar de forma devida dele?

Neste ponto nos aproximamos da maior questão desta pesquisa. Se nós, (futuros e atuais) arquitetos e urbanistas, somos produtores de espaços, como podemos/devemos nos apropriar da cidade? Qual a nossa capacidade de interpretar as necessidades locais e transcrevê-las em projeto, sem que se perca a sua leitura e reconhecimento? Como podemos assegurar alguma leitura espacial entretempos que assegure uma transformação harmônica? Até que esses projetos já não façam sentido, e a cidade peça por outra condição de espacialidades e urbanidades.

O espaço urbano materializa as dinâmicas da sociedade. Podemos discutir a segregação espacial, a apropriação, a alteridade, entre tantos outros aspectos dos quais precisamos estar conscientes e que estão contidos na nossa cidade e sociedade. Que jeito melhor de se apropriar da cidade que reconhecer que esse espaço também é o espaço do outro?

Nas palavras de Solano Benítez: "A sociedade é uma extensão de mim para o outro. A ideia de sociedade acontece quando percebo que estou no outro, que o outro é a minha extensão e eu sou a extensão do outro." (informação verbal)². Assim, entendemos que a capacidade de projetar está além do desejo de um único indivíduo, mas sim na busca constante da produção de espaços integradores e socializadores que gerem impactos na sociedade, de forma a perdurar a boa convivência e ultrapassar as barreiras visíveis e invisíveis que nos cercam.

Os espaços são carregados de possibilidades de experiência, como ideologicamente sugerido por Constant Nieuwenhuys, ao propor a *New Babylon* — uma nova cidade para uma nova sociedade *homo ludens* — que nos mostra como a cidade está totalmente atrelada à sociedade que a habita, já que *New Babylon*

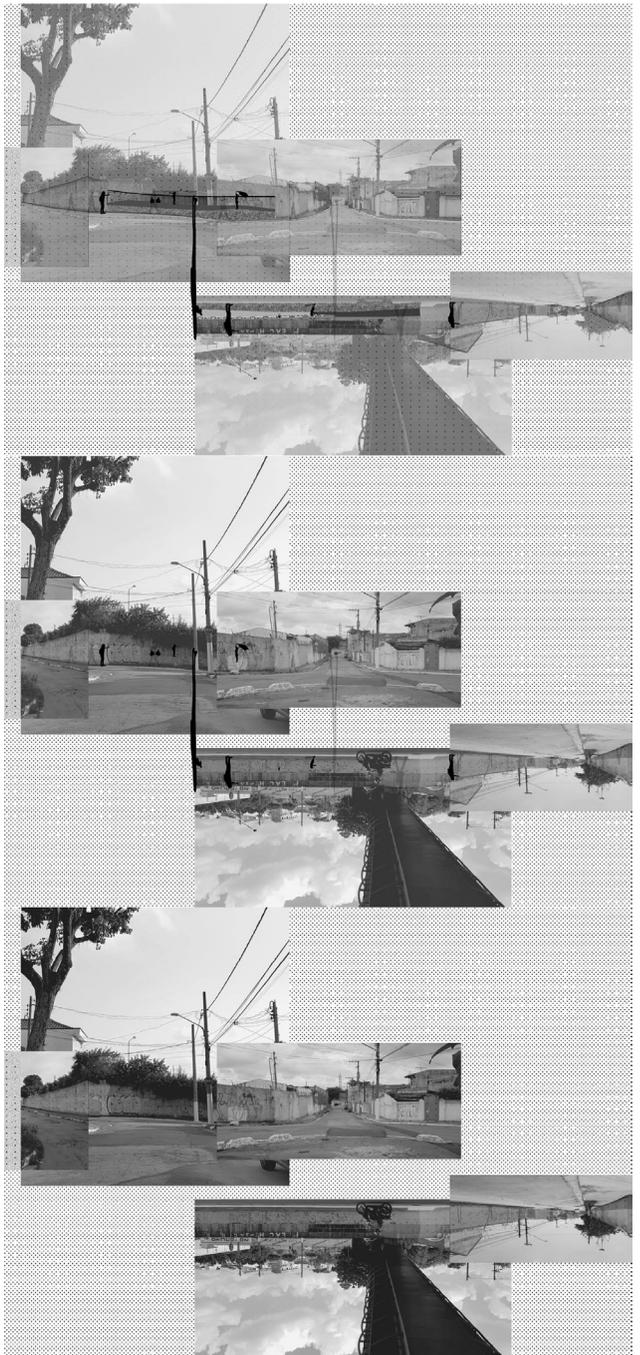


só faz sentido pela existência dos *homo ludens* que se sentem pertencentes a esse modelo de cidade. Diante disso, concluímos que é preciso interferir na cidade de acordo com as necessidades próximas de seus habitantes, em contrapartida, instigar a população para que perceba sua própria dinâmica e não se ausente da cidade, gerando estímulos que a desperte a cada dia para novas interpretações de um mesmo espaço, que já é de seu reconhecimento. Um espaço da cidade que sugere interações, que instigue os sentidos, que provoque o homem a perceber o território em que está inscrito.

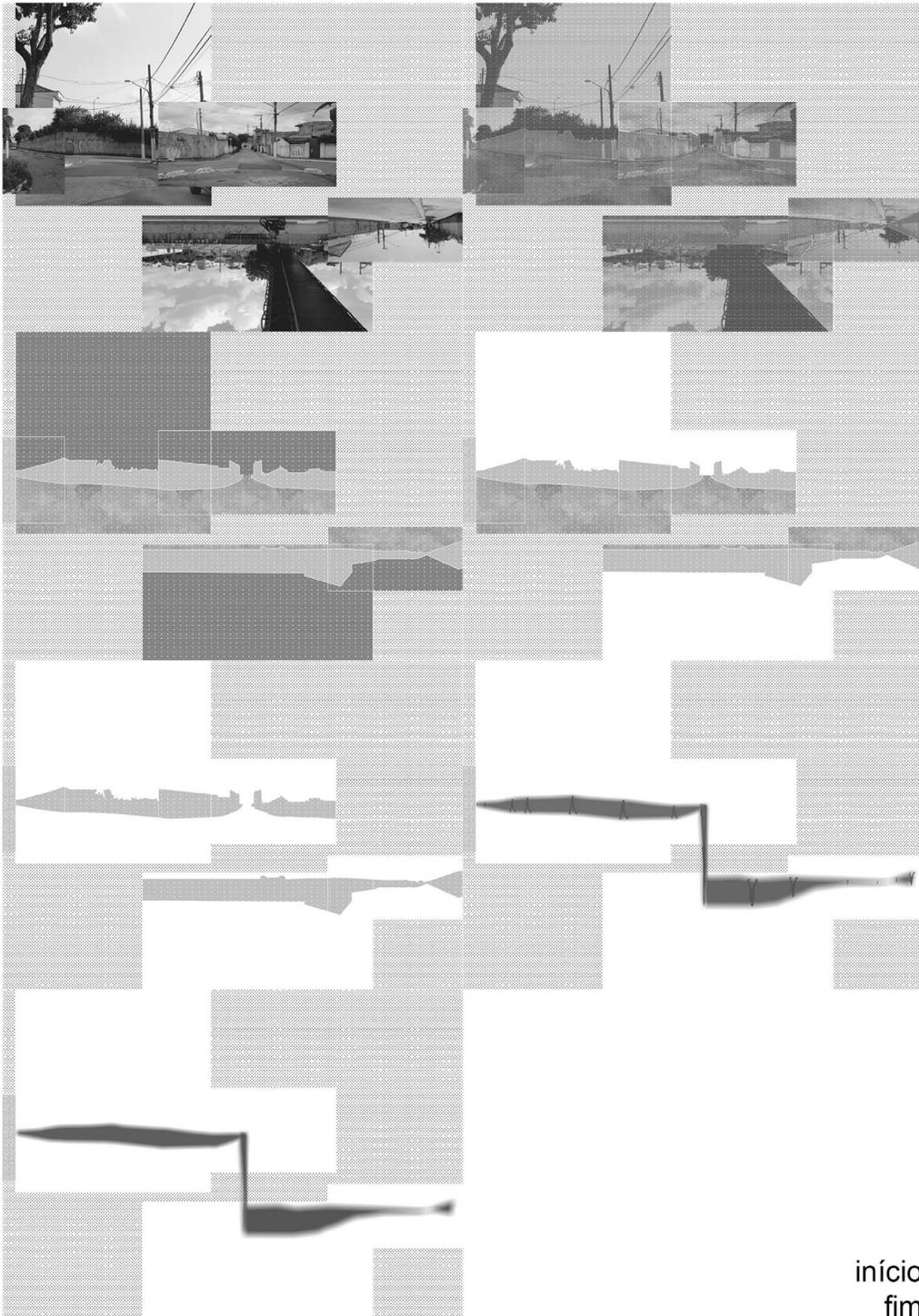
Afinal, o que faz uma praça ser muito utilizada e outra não? O que nos faz buscar um tipo de lugar? Qual a linha tênue que distancia um espaço do outro, uma realidade da outra, pessoas de outras? Somos tão intolerantes à presença do outro? Ou existe algo mais subjetivo?

Qual é a realidade dessa parte da sociedade na qual busco intervir? Além do que seu espaço mostra, quais são seus costumes e carências? O que aconteceu para que a cidade já não atenda a essas pessoas? Ou o que falta para melhorar a utilização do espaço público?

Já não escrevemos uma nova forma, intervimos na existente, explorando seus potenciais e suas fragilidades — revertendo-as —, saciando carências sociais e espaciais. A cidade está criada, e cabe a nós, reconhecer os pontos urbanos que propaguem a vida pelas malhas que tecem nossos espaços já consolidados.

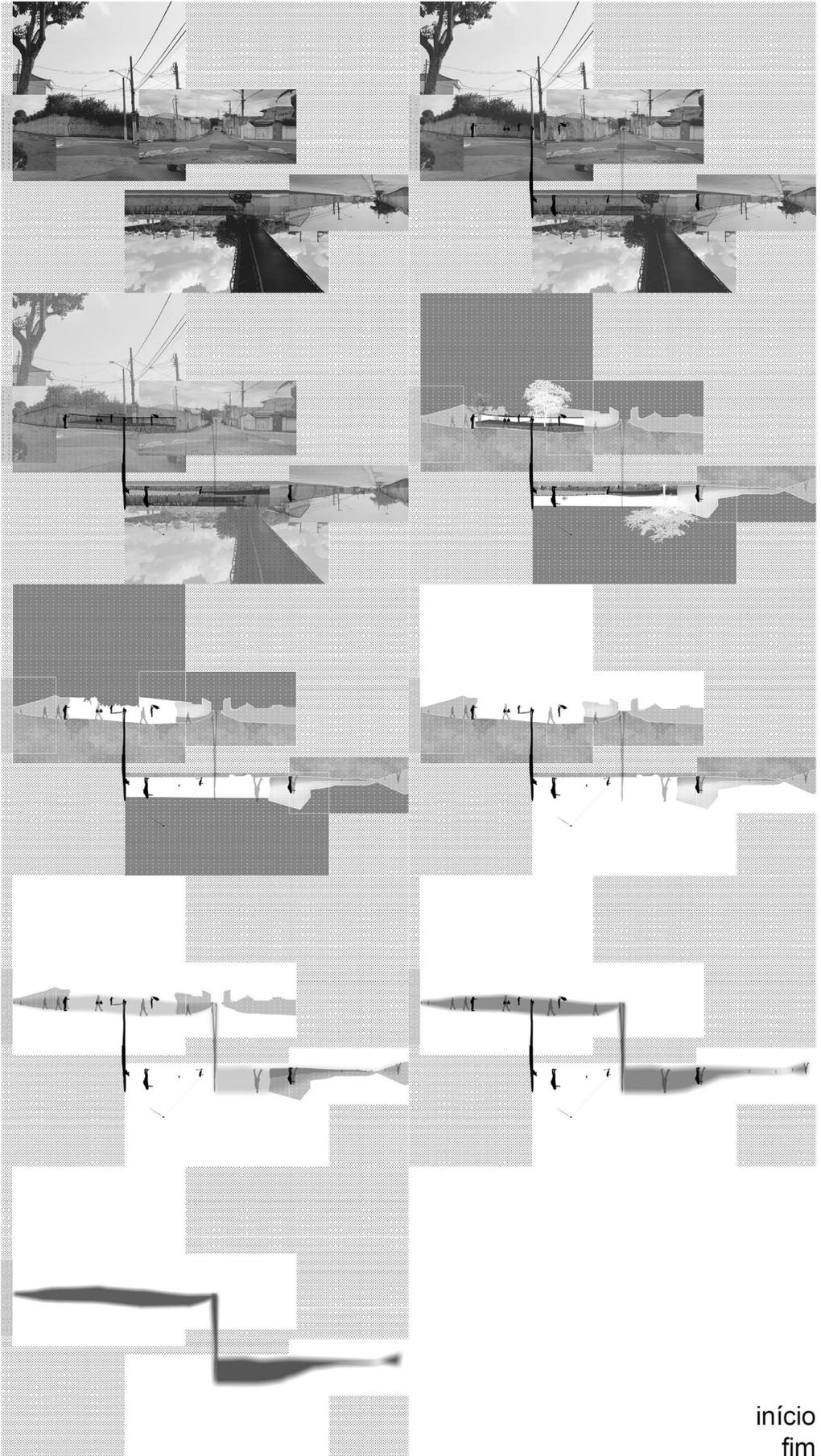


“



início
fim,,

“



início
fim,,

NOTAS

1. As imagens desse ensaio serviram de base de estudo para a apropriação do espaço, como suposições de uso. Elas foram retiradas da teoria e do caminho desenvolvido no Trabalho de Conclusão de Curso "Barreiras urbanas e as articulações intrabairro", realizado em 2019, no Centro Universitário Senac de São Paulo.
2. Anotações da palestra do arquiteto paraguaio Solano Benitez realizada no Centro de Formação do Sesc, em São Paulo, em 16 abr. 2019.

REFERÊNCIAS

- ARNET, Virginia. Memórias invisibles: nuevas oportunidades del patrimonio industrial para la regeneración urbana. **Revista Arquitectura y Cultura**, Escuela de Arquitectura Universidad de Santiago de Chile, Santiago, n.5, p.28-44, 2014.
- BOGÉA, Marta. **Cidade errante**: arquitetura em movimento. São Paulo: Senac São Paulo, 2009.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHOAY, Françoise. **O urbanismo**: utopias e realidades, uma antologia. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- GUATELLI, Igor. **Arquitetura dos entre-lugares**: sobre a importância do trabalho conceitual. São Paulo: Senac São Paulo, 2012.
- HOLL, Steven. **Entrelazamientos**. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 1997.
- NETTO, Vinícius M. **Cidade e sociedade**: as tramas da prática e seus espaços. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- PEREC, Georges. **Lo infraordinario**. Madri: Impedimenta, 2008.
- PERULLI, Paolo. **Visões da cidade**: as formas do mundo espacial. São Paulo: Senac São Paulo, 2012.
- ROLNIK, Raquel. **O que é cidade?** São Paulo: Brasiliense, 1995.

SOBRE A AUTORA

Arquiteta e urbanista graduada pelo Centro Universitário Senac de São Paulo em 2019.
camilayumi8@gmail.com